

RUTH SPRUNG TARASANTCHI¹

(Sarajevo, Bósnia-Herzegovina, 1933)



Ruth Sprung Tarasantchi. S. Paulo, junho de 2014.

Fotografia: Laís Rigatto Cardilo.

Acervo: Tarasantchi/SP; Arqshoah-Leer/USP.

1 Texto de Ruth Sprung Tarasantchi. S. Paulo, 5.8.2017. Pesquisas complementares: Blima Lorber e Maria Luiza Tucci Carneiro. Iconografia: Nanci Souza e Samara Konno.

Minhas raízes iugoslavo-sefaraditas

Nasci no dia 25 de outubro de 1933 na cidade de Sarajevo, hoje Bósnia-Herzegovina, ex-Iugoslávia. Sou filha de Rudolf Sprung e Paula Dohan Sprung. Minha irmã menor, Rachele Sprung, nasceu em 1937. Hoje tenho nacionalidade brasileira.



Sarajevo, cidade natal de Ruth Sprung Tarasantchi.
Google Maps.

Meus avós paternos eram Esther Salom, sefaradi, e Herman Sprung, de origem polonesa. O pai de Herman trabalhou na estrada de ferro e, na medida em que ela avançava, a família se mudava, razão pela qual eles vieram parar na Iugoslávia. Herman Sprung era relojoeiro e chegou a ir para os Estados Unidos. Achou a vida muito dura no novo país e acabou voltando para a Iugoslávia. Minha avó materna, Rosa Mautner, e meu avô, Herman Dohan, moravam em Sarajevo. Meu avô Herman Dohan era de origem checa, mas foi criado por uma tia iugoslava da qual herdou uma madeireira. Famílias eram judias de ambos os lados.

Meu pai, Rodolfo Sprung, nasceu em 13 de janeiro de 1908 em Bugojno. Como não havia curso ginasial e colegial na sua cidade natal estudou em Travnik no Colégio dos Jesuítas. Morou nesta época com uma família sefaradi onde aprendeu as tradições judaicas. Estudou medicina na cidade de Belgrado e especializou-se em Viena. Homem culto, dominava vários idiomas, especialmente o alemão, o francês e o inglês. Manteve sempre sua tradição judaico-sefaradi. Casou-se com Paula Dohan, uma jovem de Sarajevo que conheceu durante um baile de *Purim**.

Ruth Sprung Tarasantchi

Paula Dohan nasceu em 14 de fevereiro de 1914. Ela havia estudado em Viena, nos internatos para jovens de boa família, onde aprendeu idiomas, literatura e música. Nunca soubemos a origem do nome da família Dohan. Um dia, um tio que estava fazendo a árvore genealógica da família descobriu que ela também era sefaradi.

Meu pai sempre fez uma questão que a família seguisse a religião judaica. Na Bósnia havia uma certa tolerância, apesar da diferença que sempre existiu entre asquenazitas e sefaraditas.

A nossa região havia sido conquistada pelos otomanos e viveu 400 anos sob sua dominação. Este é o motivo que uso muitas palavras turcas quando falo. Dizem que minha bisavó, a mãe de Esther, usava na cabeça um véu ornamentado com moedas de ouro. Uma das suas roupas era tão maravilhosa que foi adquirida por um museu da Hungria. O uso do véu pelas mulheres só foi proibido quando a Áustria conquistou a Bósnia, não admitindo que as mulheres usassem essa peça de vestuário.^A



Ruth Sprung Tarasantchi aos 8 meses de idade. Sarajevo, Iugoslávia, 1934.
Fotografia: Tausch.
Acervo: Tarasantchi/SP;
Arqshoah-Leer/USP.



Ruth Sprung Tarasantchi aos 2 anos de idade. Sarajevo, Iugoslávia, 1935.
Fotografia: Paula Dohan Sprung.
Acervo: Tarasantchi/SP;
Arqshoah-Leer/USP.

A- O uso do véu sobre o cabelo, entre mulheres judias casadas é, segundo o judaísmo ortodoxo, uma expressão da devoção e amor exclusivos de uma mulher pelo seu marido. Dessa forma, o *Tichel* e outras formas de cobertura para os cabelos, considerado uma parte sensual do corpo, são recomendados para as mulheres judias como um ato de modéstia. E torna próprio a devoção religiosa da mulher judaica. O uso de cobertura para o cabelo é referido na *Torá** (5:18), onde a cerimônia de punição a mulheres acusadas de adultério se inicia pela remoção dessa cobertura por um sacerdote. A *Mishná** (Ketuboth 7:6) e o *Talmud** (Ketuboth 72) também se referem à cobertura dos cabelos como uma obrigação feminina.

Vozes do Holocausto

Após o casamento, já formado médico, meu pai voltou para Bugojno, onde abriu seu ambulatório e construiu nossa casa, onde passei a minha infância.



Ruth Sprung Tarasantchi com o pai, Rodolfo Sprung, nos degraus da residência da família. Bugojno, Iugoslávia, 1934.

Fotografia: Paula Dohan Sprung.

Acervo: Tarasantchi/SP; Arqshoah-Leer/USP



*W. Tausch
Sarajevo*

Ruth Sprung Tarasantchi e sua mãe
Paula Dohan Sprung, Sarajevo,
Iugoslávia, 1934.

Fotografia: Tausch.

Acervo: Tarasantchi/SP; Arqshoah-
Leer/USP.



Paula Dohan Sprung e Rodolfo Sprung com as
filhas Rachele [no colo] e Ruth. Fotografia feita em
frente à casa de Esther Salom Sprung e Herman
Sprung, avós paternos de Ruth Sprung Tarasantchi.
Bugojno, Iugoslávia, 1938.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Tarasantchi/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Tempos de guerra

Ao estourar a Segunda Guerra Mundial, meu pai teve que servir no Exército iugoslavo, o Exército do rei.^A Lembro-me de ter visto minha mãe chorando ao saber que meu pai iria para o *front*. Eu tinha seis ou sete anos de idade. Lembro também quando um jovem oficial nazista entrou na nossa casa, revirou todas as nossas coisas em busca de joias e ouro. Armado, obrigou minha mãe a abrir todos os armários. Não achou nada, apenas o enxoval. Em seguida foi embora.

Foram os iugoslavos antissemitas, os Ustašes,^B que começaram a perseguir a pequena colônia sefaradi de Bugojno: uma certa madrugada levaram meu avô, Herman Sprung, e o torturaram, arrancando-lhe as unhas das mãos e pés para que ele contasse onde escondia os valores. Ele não falou nada. No dia seguinte uma amiga muçulmana foi me mostrar o local onde ele foi torturado. Só vimos o estrado, mas ele não estava mais lá.

Neste ínterim meu pai, que estava em um campo de prisioneiros alemães, convenceu os soldados que o deixassem sair para comprar comida para os companheiros. Realmente ele trouxe, mas na segunda vez resolveu fugir. Ao ser visto escapando os alemães tentaram agarrá-lo. Ele pulou em uma charrete e mandou o cocheiro correr. Os alemães o perseguiram, mas em uma curva, perto de um vinhedo, ele pulou e, desta forma, conseguiu se salvar.

Ao chegar a Bugojno soube que seu pai (meu avô) estava na prisão e que havia sido torturado. Como ele era o médico da cidade e salvara muitas vidas – especialmente mulheres

A- Desde 1929 o reino da Iugoslávia era uma monarquia ditatorial comandada pelos sérvios, que controlavam as demais etnias da região por meio de forte repressão. Em março de 1941, o príncipe Paulo foi coagido pelos nazistas a aderir ao Eixo (aliança constituída pela Alemanha, Itália e Japão, e depois fortalecida pela Hungria e Romênia). Contrários à adesão, os nacionalistas sérvios depuseram o príncipe do poder, motivando a invasão nazista em 6 de abril de 1941, e envolvendo a Iugoslávia na Segunda Guerra Mundial. As tropas nazistas invadiram o país e criaram um Estado-fantoche controlado pelos croatas. Os grupos internos passaram a lutar entre si pelo controle da região ao mesmo tempo em que resistiam contra a presença nazista. Essa invasão gerou um total rearranjo da estrutura de poder na região. Primeiramente, a Alemanha realizou a divisão territorial de parte da Iugoslávia e forneceu territórios iugoslavos para Itália, Bulgária e Hungria. Parte foi ocupada pela Alemanha, e outra parte considerável foi utilizada para a criação do Estado Independente da Croácia.

B- Ustaše correspondia ao partido croata de extrema-direita que comandava o Estado croata, que era considerado fantoche porque, apesar da aparente independência, os croatas foram obrigados a aceitar a presença das tropas nazistas na região. A Croácia passou a ser governada por Ante Pavelic. A política croata em seu recém-criado Estado era a de promover uma limpeza étnica no país contra os sérvios, judeus e ciganos. Estima-se que, em 1941, existiam aproximadamente 2,2 milhões de sérvios no Estado croata. A intenção do Ustaše era matar um terço da população sérvia, deportar um terço e converter o restante à força ao catolicismo (os sérvios eram cristãos ortodoxos). Para isso, os croatas criaram o campo de concentração de Jasenovac, que foi responsável pelo extermínio de cerca de 100 mil pessoas.

com febre puerperal e que lhe deviam favores – conseguiu que soltassem o seu pai a quem tinha ensinado fingir-se de louco.

Desde a nossa fuga até a prisão

Em 1941, achamos que havia chegado a hora de fugir da cidade. Aos poucos a família foi para Sarajevo. O primeiro a fugir para Split, na Croácia, foi meu pai. Ele havia colocado algum dinheiro numa lata que jogara na fossa da casa de meus avós de Bugojno e foi com esse dinheiro que comprou documentos falsos para mim, minha mãe e a minha irmã.

Em seguida enviou documentos falsos para o resto da família que, aos poucos, foi chegando. Vieram os seus pais Herman Sprung e Esther Salom com os filhos Emília e Max. Vieram também os pais de Paula, meus avós, Herman Dohan e Rosa Mautner, acompanhados da filha Greta Svager com seu filho Alexander Svager. A irmã Vilma com o marido e os dois filhos Dori e Gido, apesar de terem recebido os documentos falsos, não quiseram fugir. Consideravam-se seguros em Sarajevo, onde sempre tinham vivido cercados de vizinhos amigos. Infelizmente, uma semana depois foram levados ao campo de concentração de Jasenovac da Iugoslávia e lá foram mortos.

Em Split conseguimos alugar alguns quartos, onde toda a família se acomodou. Split na época estava sob o regime do governo italiano e ele resolveu levar as famílias judias para a Itália. Fomos embarcados em um navio em 2 de dezembro de 1941. No navio distribuíram enormes pães redondos, que encheram a cabine, e que deviam ser nosso alimento para toda a viagem.

Na primeira noite fomos até o salão com compridas mesas onde serviram uma sopa de feijão branco com macarrão, a famosa “pasta fagioli”. Eu adorei e até hoje procuro uma sopa destas, mas jamais achei. Também nunca mais tive tanta fome! Perguntaram se queríamos repetir e minha mãe resolveu esperar pelo segundo prato que não chegou. Depois de uns dias chegamos a Trieste, na Itália.

Em Trieste fomos divididos em grupos e a nossa família foi levada de trem para Castelnuovo Don Bosco, um vilarejo próximo à cidade de Torino. Esta foi uma viagem de trem onde os homens ficaram algemados. As mãos de meu pai incharam, mas quando minha mãe pediu, os soldados soltaram as algemas.

Ruth Sprung Tarasantchi

No vilarejo ficamos confinados: não podíamos sair. Recebíamos algum dinheiro do governo italiano para comprar comida, pouco. Para melhorar começamos a criar galinhas. Quando os camponeses precisavam de auxílio nos campos, os homens os ajudavam. Recebiam em troca um pouco de trigo e, na colheita da uva, algum alimento. Meu pai dava assistência aos camponeses que precisavam de cuidados médicos. Em troca, recebia comida. Em 1942, Rosa, a minha avó materna, teve pneumonia, mas milagrosamente meu pai conseguiu salvá-la. O único remédio que existia na época era a sulfa e foi com ela que se curou.

Ficamos um ano e meio nesse vilarejo. Neste tempo vieram de Torino pessoas da sociedade judaica que levaram três crianças para estudar em um colégio interno. Uma delas fui eu e,



Branko Hohvald, Ruth Sprung Tarasantchi e Raul Spitzer no internato em Torino (Itália) em 1943.

Fotografia: Ferranis.

Acervo: Tarasantchi/SP; Arqshoah-Leer/USP.

as outras duas, meus amigos Branko e Raul. Foi um período muito difícil para mim. Por ser estrangeira e não falar italiano, sofria *bullying* das meninas. Durante muito tempo considerei esta a época mais difícil que passei na guerra. A distância da família para mim foi sempre um trauma.

No campo de concentração de Ferramonti

Em 1943, Mussolini resolveu enviar os prisioneiros que estavam espalhados pelos vilarejos do norte da Itália para o campo de concentração de Ferramonti.^A Em 1943 fomos levados de trem para o sul da Itália, perto de Cosenza, na Calábria. Éramos mais ou menos duas mil e quinhentas pessoas entre homens, mulheres e crianças, alguns soldados franceses e uma tripulação de um navio chinês. Dormíamos em barracões: mulheres de um lado, homens em outro. As famílias receberam pequenas barracas de um quarto só. O campo de concentração estava situado em uma região baixa e paludosa e todos ficaram infectados pela malária. Uma cerca de arame nos impedia de sair.

Certo dia, aviões ingleses sobrevoaram o campo e, pensando que se tratasse de um campo de soldados alemães, nos metralharam. Os italianos abriram os portões e todos fugimos para as montanhas, onde não havia casas nem comida. Dormimos em um curral junto com as vacas dos camponeses. Acabamos comendo os figos que estavam secando. Lembro-me de que para tomar banho tínhamos que subir e descer umas colinas íngremes até chegarmos a

A- Ferramonti foi um campo de internamento criado no município de Tarsia, na província de Cosenza, na Itália. Foi o principal campo, do ponto de vista numérico, entre os 15 campos de concentração mantidos pelo governo de Mussolini, e o primeiro destinado para abrigar, especificamente, os judeus considerados como “raça inferior” pelas leis raciais italianas de 1938. Neste espaço ficaram também apátridas, eslavos, inimigos políticos e estrangeiros. Foi aberto em 11 de junho de 1940, um dia após a entrada da Itália na Segunda Guerra Mundial e libertado pelos britânicos em setembro de 1943, mas nos anos seguintes muitos ex-internos permaneceram em Ferramonti, sendo o local oficialmente encerrado em 11 de dezembro de 1945. Atualmente, parte do campo está sendo preparado para abrigar o primeiro cemitério internacional para os refugiados mortos no Mediterrâneo.

Ruth Sprung Tarasantchi

uma pequena fonte. Uma semana depois todos voltamos para o campo de concentração, onde podíamos dormir, beber água e conseguir algo para comer.



Campo de concentração de Ferramonti, Itália, 1941.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Yad Vashem.

Disponível em: <http://collections1.yadvashem.org/arch_srika/6001-6500/6173-6325/6263_.jpg>. Acesso em: 7 ago. 2017.



Paula Dohan Sprung e Rodolfo Sprung com as filhas Rachele [à esquerda] e Ruth, no campo de concentração de Ferramonti di Tarsia, após serem liberados pelo Exército britânico, em 1943.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Tarasantchi/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Em liberdade, sem destino certo

Algumas semanas depois apareceram caminhões com soldados ingleses e fomos liberados. Eles distribuíram comida enlatada e, famintos como estávamos, ficamos todos com diarreia. Aos poucos fomos abandonando o campo e buscando abrigo nas cidades vizinhas. Quase todos preferiram Bari, no sul da Itália, onde já estava o Exército americano. Meu pai tinha conseguido um pequeno Fiat e cobemos nele todos os quatro e nossos poucos pertences. Um dia papai trouxe um macarrão quase preto e minha mãe o colocou na panela para ferver. De tanta vontade que eu tinha eu o puxava e o comia ainda cru.

A guerra ainda não tinha terminado e estávamos com medo de sermos bombardeados. Acabamos formando um grupo e fomos de trem até Messina. Atravessamos o estreito e passamos de barco para a Sicília e de lá em um caminhão fomos parando até chegarmos a Palermo. Moramos todos em um antigo sanatório de tuberculosos. Começamos logo a estudar. Éramos quatro crianças e subíamos uma estrada íngreme até a escola de Monreale. Aprendemos italiano, mas nos “empiolhamos” também.

Meu pai começou a trabalhar com o Exército americano para debelar a malária da Sicília, que infectava todos e também os soldados. Fiz exame de admissão para o ginásio em Palermo apesar de estar doente. Tinha pego uma infecção ao tomar leite de uma vaca doente.

A guerra continuava, mas quando Roma foi liberada nossa família se mudou para lá em 30 de agosto 1945. O Vaticano nos emprestou um palacete que estava vazio e que antes pertencera à embaixada austríaca no Vaticano. Como meu pai tinha amizade com um capitão médico americano judeu, ele conseguiu matéria-prima dos Estados Unidos e abriu um laboratório. Estávamos vivendo uma vida quase normal. Frequentei boas escolas, visitava museus, passeávamos pelos arredores da cidade e eu tinha muitos amigos italianos. Por infelicidade, na época a Itália estava disputando a cidade de Trieste com a Iugoslávia e os refugiados passaram a ser discriminados. Enquanto isto, tínhamos perdido a cidadania Iugoslava por não termos retornado à antiga pátria. Agora éramos apátridas.

Meus avós Herman e Rosa, que não tinham ido para o sul da Itália conosco, tiveram que se refugiar na Suíça. Passaram o resto da guerra em um campo de concentração. Meu avô trabalhava fora, mas à noite tinha que retornar. Trazia escondido na manga um pedaço de

Ruth Sprung Tarasantchi

pão para a esposa. Com o fim da guerra saíram do campo e foram morar em um quartinho na casa de uma família Suíça. Rosa costurava e remendava a roupa da família.

Por meio da Cruz Vermelha soubemos que eles estavam vivos e onde moravam. Em 1945 falamos com eles pelo telefone e, em 30 de agosto, eles chegaram na nossa casa em Roma.

N.º SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ESTRANGEIROS

REGISTRO DE ESTRANGEIROS

NOME: RUTH SPRUNG

Admitido em território nacional em caráter PERMANENTE (ART. 9 dec. 7967/45)

Nacionalidade: APATRIDA (NATURAL SARAJEVO - IUGOSLAVIA)

Data do nascimento: 25.10.1933 Estado civil: SOLTEIRA

Pai: RUDOLF SPRUNG Mãe: PAULA SPRUNG

Profissão: ESTUDANTE

Registro Geral N.º 1.698.017 Carteira N.º 380.869 exp. 19.1.53

Residência: AV. LINS DE VASCONCELOS Nº 1042

Emprêgo:
Local: 19.1.53

T. D. I. - Mod 182

DELEGADO ESPECIALIZADO DE ESTRANGEIROS

Ficha de registro de estrangeiros em nome de Ruth Sprung: Apátrida. S. Paulo, 19.1.1953.

Secretaria da Segurança Pública.

Acervo: Arquivo Público do Estado de S. Paulo.

O Brasil como opção

Enquanto a situação piorava para os refugiados iugoslavos meu pai começou a procurar um país para emigrarmos. Tentamos a Austrália sem sucesso.

Meu pai soube que em Florença havia uma consulesa do Brasil que dava vistos! Ele foi de trem e a consulesa nos deu visto de entrada permanente para o Brasil. Entretanto, como na época o Brasil não aceitava médicos, no documento do meu pai ela raspou a palavra “médico” e escreveu “farmacêutico”.

Vozes do Holocausto

No dia 6 de março de 1947 saímos de Roma para Gênova, onde embarcamos rumo ao Brasil no navio *Philippa*, um navio velho e enferrujado. Nessa viagem vieram meus pais, minha irmã e eu. Em seguida deveriam vir os meus avós paternos, Herman Sprung, Esther e Emília, mas quando eles chegaram ao porto de Santos os vistos deles estavam vencidos. Acabaram indo com o navio para a Argentina, onde a colônia judaica conseguiu permissão para que desembarcassem. Algum tempo depois meu pai mandou para eles um novo visto e os três vieram para S. Paulo.



Ruth e Rachele Sprung com os pais Paula Dohan Sprung e Rodolfo Sprung.
Roma, março de 1947.
Fotografia: Rossi-Li Volsi.
Acervo: Tarasantchi/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Nossa primeira moradia em S. Paulo foi na Rua da Graça, no Bom Retiro. Depois, meu pai montou o seu laboratório na Rua Orissanga, nº 280, numa casa que alugou de um italiano. Chamava-se Laboratório Bioquímico Dr. Sprung. Quando o laboratório se expandiu mudamos para a Rua Lins de Vasconcelos, onde meu pai construiu um sobrado. O laboratório ficava na parte de baixo e, em cima, nossa casa. Anos depois a Astra do Brasil comprou o laboratório.

Quando cheguei a S. Paulo eu tinha 13 anos. O primeiro colégio foi o Santa Inês, recomendado pelas freiras de Roma, onde estudei. As freiras deste colégio desconfiavam de que eu não era católica e todos os dias, na hora do recreio, uma delas me levava para rezar na capela. Chegamos

Ruth Sprung Tarasantchi

5-24

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL 57840

FICA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Emilia SPRUNG

Admitido em território nacional em caráter permanente

Nos termos do art. 9^o letra 9^a do dec. n. 927 de 1946

Lugar e data de nascimento Bucjino (Yugoslavia) 8/2/1907

Nacionalidade apatrida Estado civil solteira

Filiação (nome do Pai e da Mãe) Herman Sprung e Stella Salom Sprung Profissão GOVERNANTE

Residência no país de origem Não tem. Na Itália: Florença, via Lamarmora 36 NOME IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 27529 expedido pelas autoridades de Cruz Vermelha

Internacional em Roma na data 7/10/1946

visado sod n. 1114

ASSINATURA DO PORTADOR:
Emilia Sprung

NOTA - Esta ficha deve ser apresentada à autoridade consular, sendo as duas vias em original.

SELA CONSUL: 

Consulado Livorno do Brasil em 21 de Outubro de 1946

O CONSUL: Inayma de Albuquerque

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

FICA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Herman SPRUNG

Admitido em território nacional em caráter permanente

Nos termos do art. 9^o letra 9^a do dec. n. 4907 de 1945

Lugar e data de nascimento Tarnow (Polónia) 1/3/1874

Nacionalidade apatrida Estado civil casado

Filiação (nome do Pai e da Mãe) Leurizio Sprung e Rosa Klein Sprung Profissão relógieiro

Residência no país de origem Não tem. Na Itália: Florença, via Lamarmora 30 NOME IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 27528 pedido pelas autoridades de Cruz Vermelha

Internacional em Roma na data 7/10/1946

visado sod n. 1114

ASSINATURA DO PORTADOR:
Herman Sprung

NOTA - Esta ficha deve ser apresentada à autoridade consular, sendo as duas vias em original.

SELA CONSUL: 

Consulado Livorno do Brasil em 21 de Outubro de 1946

O CONSUL: Inayma de Albuquerque

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL 63601

FICA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso PAULA DOHAN SPRUNG

Admitido em território nacional em caráter permanente

Nos termos do art. 9^o letra 9^a do dec. n. 7967 de 1945

Lugar e data de nascimento Sarajevo (Yugoslavia) 13/11/1913

Nacionalidade apatrida Estado civil casada

Filiação (nome do Pai e da Mãe) Herman Dohan e Rosa Mautner Dohan Profissão doma de casa

Residência no país de origem Não tem. Na Itália: Florença, Viale Duca di Genova 6 NOME IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 19938 expedido pelas autoridades de Cruz Vermelha

Internacional, Roma na data 27/2/1946

visado sod n. 935

ASSINATURA DO PORTADOR:
Paula Dohan Sprung

NOTA - Esta ficha deve ser apresentada à autoridade consular, sendo as duas vias em original.

SELA CONSUL: 

Consulado Livorno do Brasil em 16 de Outubro de 1946

O CONSUL: Inayma de Albuquerque

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
 FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO 63740

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso: RUDOLF SPRUNG

Admitido em território nacional em caráter permanente (temporária ou permanente)

Nos termos do art. 9. letra ---- do dec. n. 7997, de 19 45

Lugar e data de nascimento: Bugojno (Yugoslavia), 13/1/1908

Nacionalidade: apátrida Estado civil: casado

Filiação (nome do Pai e da Mãe): Herman Sprung e Stella Salom Sprung Profissão: químico

Residência no país de origem: Não tem. Na Itália: Florença, Viale Duca di Genova nº 6

IDADE: 13 anos SEXO: fem.

Rachele 9anos fem.

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte nº 0021 expedido pelas autoridades de Cruz Vermelha Internacional, Roma, na data: 25/2/1946

visado sob nº 914.

ASSINATURA DO PORTADOR: *Rudolf Sprung*

Consulado em Livorno do Brasil em 16 de Outubro de 19 46

O CONSUL: *Mary Magalhães*

NOTA: Esta ficha deve ser apresentada à alfândega pela autoridade consular, antes de suas vias em original.

Fichas consulares de qualificação da família Sprung emitidas pelo consulado-geral do Brasil em Livorno em 21 e 16 de outubro, respectivamente.

Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

aqui católicos, e meu pai ainda não sabia como seríamos aceitos como judeus. Ainda com medo da perseguição me aconselhava para não dizer que era judia e sim católica.

Um tempo depois conheci jovens judeus que me convidaram para entrar no Dror.^A Meu pai, assustado, soube que eles poderiam ser de esquerda e me obrigou a deixar o grupo que eu tinha adorado.

Agora que morávamos na Vila Mariana eu tinha mudado de escola: estava no colégio Bandeirantes, onde acabei o ginásio e o colegial.

Nessa época, meu pai começou a frequentar a Sinagoga de Abolição. Como tinha tido uma educação sefardi sentiu-se à vontade e foi bem aceito por todos. Chegou a participar da reforma da sinagoga e trouxe artistas de Veneza para fazer os vitrais dela. Mais tarde, quando foi doado o terreno para construção do Hospital Albert Einstein, empenhou-se na sua fundação.

A- DROR: (*andorinha* em hebraico, uma metáfora para *liberdade*) nome adotado pelo “movimento juvenil criado pelos judeus europeus orientais no início do século XX inspirados em ideias revolucionárias. O objetivo era de criar uma consciência crítica em relação ao mundo em que vivemos. Anos mais tarde, jovens britânicos judeus resolvem criar um movimento sionista e escáutico e fundaram o movimento “Habonim” (*os construtores*). Além de sionistas e de inclinação socialista, outro fator era coincidente entre os dois: a educação kibutziana. Ambos valorizavam uma experiência pioneira no mundo naquele momento: o kibutz. O “Ichud” Habonim, predominava no mundo ocidental, enquanto o Dror atuava com grande número de membros na Europa Oriental. O Habonim era ligado ao movimento Takam, enquanto o Dror, ao movimento Kibutz Hameuchad. Após a fundação do Estado de Israel, ambos apoiavam o partido dos Operários chamado Mapai, de esquerda moderada que esteve no poder desde a criação do estado até 1968, quando se transformou no Partido Trabalhista, o Avodá. O Dror no Brasil surgiu em 1945. O primeiro *snif* (sede) foi fundado em Porto Alegre, sob a influência do movimento da Argentina que, por sua vez, formou-se de jovens praticantes do Dror na Polónia que emigraram para a Argentina. Rapidamente, o Dror se espalhou pelo Brasil, criando outros três *snifim*: Curitiba, S. Paulo e Rio de Janeiro. Alguns anos mais tarde foram inauguradas outras três sedes: Recife, Salvador e Belo Horizonte e em 2009, Manaus.” Habonim Dror Rio de Janeiro. Disponível em: <https://habonimrio.wordpress.com/nossa-historia/>. Acesso em: 13 ago. 2017.

Ruth Sprung Tarasantchi

Influenciada por meu pai e minha tia Laura Sprung, que também era médica, prestei vestibular para medicina e entrei na faculdade de Sorocaba, onde estudei por dois anos.

Acabei desistindo da medicina e casei com o médico Jacob Tarasantchi em 15 de janeiro de 1956. Jacob, vindo da Bessarábia, tornou-se professor de fisiologia na Escola Paulista de Medicina. Tivemos dois filhos, Noemi e Marcelo. Deles tenho seis netos e por enquanto quatro bisnetos.

Com os filhos crescidos encontrei meu verdadeiro caminho: cursei a Escola de Belas Artes, e depois fiz mestrado e doutorado em História da Arte na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de S. Paulo (ECA), onde apresentei minha dissertação de mestrado “A vida silenciosa na pintura de Pedro Alexandrino” e a tese de doutorado “Pintores paisagistas em S. Paulo (1890-1920)”, ambas publicadas pela Edusp. Na ECA também ministrei disciplinas na Graduação e Pós-Graduação, fui conselheira por 20 anos na Pinacoteca do Estado de S. Paulo e curadora de exposições. Sou também restauradora de obras de arte. Hoje pertenço ao Museu Judaico de S. Paulo, do qual sou diretora de acervo.

Memórias gravadas

Como artista expus regularmente minhas obras, projetando-me também como gravadora. Em 2013, parte da minha obra foi apresentada na exposição *Memórias gravadas: a história de Ruth*, e em 2014 a exposição tornou-se itinerante, passando pela Biblioteca Brasileira da USP e continuando pelo Brasil e Itália.^A

A- Por ocasião da exposição, Evandro Carlos Jardim, assim definiu a obra de Ruth Sprung Tarasantchi: “Uma gravura de luzes e sombras, dos fatos e dos símbolos e da mancha iluminada que se dilui no modelado de seus matizes sobre o papel impresso. Um registro sensível de consideração aos sentimentos humanos mais recônditos, das alegrias e melancolias e de todos os afetos que dão um sentido maior a nossa existência. Espécie de crônica dos nossos presságios e de tudo aquilo que imaginamos que um dia nos espera. Antevisão do tempo que passa.” Fundação Memorial da América Latina, S. Paulo, 4 de outubro de 2013. Disponível em: <<http://www.memorial.org.br/2013/10/artista-ruth-sprung-e-homenageada-no-memorial/>>. Acesso em: 2 ago. 2017.



Ruth Sprung Tarasantchi, gravura em metal, água forte e lavis, 40x53, S. Paulo, s. d.
Acervo da artista.

Ruth Sprung Tarasantchi



Ruth Sprung Tarasantchi, "Campo de Concentração de Ferramonti", Itália, 1943.
Gravura em metal, água forte e lavis, 40x53, S. Paulo, 2007.
Acervo da artista.



O deslumbramento de chegada no Rio de Janeiro Ruth

Ruth Sprung Tarasantchi, "Finalmente, cheguei ao Brasil", gravura, 27x39, S. Paulo, 2010.
Acervo da artista.